

ANALISANDO UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS: A IDENTIDADE EM DIFERENTES CONTEXTOS INDÍGENAS AMAZÔNICOS

Anatália Daiane de Oliveira (Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT) -

anataliadaiane@hotmail.com

Suzana Rocha de Souza (Secretaria Municipal de Educação – SEMED – de Ji-Paraná,

Rondônia) - suzanamusica@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo analisar um relato de experiências, focando os trechos que possibilitam a compreensão da re/des/construção da identidade indígena. O marco teórico dessa investigação ancora-se na Psicologia cultural e outras perspectivas críticas e a abordagem metodológica utilizada para a efetivação da pesquisa é a qualitativa, utilizando-se um relato de experiências de um dos integrantes da comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) do estado de Rondônia, ocorrido em 2014 utilizando a Análise do discurso. Foi possível perceber que para compreender a temática indígena, precisamos ver além do óbvio, buscando desconstruir a visão negativa sobre os indígenas.

Palavras-chave: Identidade Indígena. Psicologia Cultural. Relato de experiências.

ANALYZING A NARRATIVE OF EXPERIENCE: THE IDENTITY IN DIFFERENT SETTINGS INDIGENOUS AMAZON

ABSTRACT:

This article aims to analyze an experience narrative, focusing on the sections that furthers our understanding of re/de/construction of indigenous identity. The theoretical framework of this investigation it is anchored in cultural psychology and other critical perspectives and methodological approach for the realization of the research is qualitative, using an account of the experiences of one of the members of the Commission on Human Rights of the Order of Lawyers of Brazil (OAB) in the state of Rondônia, which occurred in 2014 using the speech analysis. It could be observed that to understand indigenous issues, we need to see beyond the obvious, trying to deconstruct the negative outlook on the indigenous.

Key-words: Indigenous Identity. Cultural Psychology. Experience narrative.

DOI: 10.28998/2175-6600.2016v8n15p48

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar um relato de experiências, focando os trechos que possibilitam a compreensão da re/des/construção da identidade indígena, buscando articulá-la à perspectiva da Psicologia Cultural e de outras perspectivas críticas. Tarefa nada fácil, levando-se em consideração a complexidade de um relato de experiências e de sua análise.

O presente trabalho tem como foco o relato de experiências de um dos integrantes da comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) do estado de Rondônia, pronunciado no Campus da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) em Porto Velho, analisando-o por meio dos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do discurso (ORLANDI, 1999).

O relato de experiências ocorreu no dia 14 de março de 2014 e teve uma duração de aproximadamente uma hora e trinta e três minutos. Com o consentimento do integrante da comissão de Direitos Humanos da OAB, ora em diante denominado Dr. Isaque, efetuamos a gravação em áudio. O interesse em desenvolver este artigo sobre esse relato se deu devido estar diretamente relacionado ao tema de pesquisa do projeto de mestrado, a temática indígena, de uma das autoras deste trabalho.

Buscando realizar o presente texto respeitando os procedimentos éticos da ciência, além de solicitarmos o consentimento do Dr. Isaque para a gravação em áudio do seu relato de experiências, solicitamos autorização a ele para utilizar alguns trechos de seu relato neste trabalho que poderão nos ajudar a compreender acerca da identidade indígena.

Importante ressaltar que identidade é um conceito complexo e que tem sido bastante discutido (CIAMPA, 2004; DESCHAMPS; MOLINER, 2009), conceituado aqui como “[...] um fenômeno subjetivo e dinâmico resultante de uma dupla constatação de semelhanças e diferenças entre si mesmo, os outros e alguns grupos” (DESCHAMPS; MOLINER, 2009, p. 14).

A relevância do presente artigo se dá porque poderá contribuir para a produção de conhecimentos acerca da temática indígena, fornecendo reflexões que visam à desconstrução dos estereótipos sobre o indígena, os quais ainda

permanecem, sendo, também, sustentados pela mídia, além de possibilitar a elaboração de políticas públicas com vistas a atender às reivindicações dos povos indígenas.

Contribuíram para fundamentar este trabalho autores como Bruner (1997, 2001a, 2001b), Orlandi (1999), Geertz (2013), entre outros. Com o intuito de oferecer ao leitor uma melhor compreensão acerca do trabalho, o presente foi estruturado da seguinte forma: o primeiro tópico traz algumas contribuições da Psicologia e da análise do discurso para compreender a temática indígena, o segundo descreve alguns trechos da narrativa do Dr. Isaque em relação à temática indígena, especialmente, à re/des/construção da identidade indígena, buscando dialogar com as perspectivas críticas e o último tópico traz algumas considerações finais acerca da análise.

2 AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA CULTURAL E DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA COMPREENDER A TEMÁTICA INDÍGENA

Segundo Bruner (2001b, p. 163) para estudar a mente, a Psicologia deve levar em conta a evolução biológica e o surgimento da cultura, pois por meio da cultura “[...] o homem cria uma representação simbólica de seus encontros com o mundo”. Assim, este autor busca superar a dicotomia natural/cultural, ao destacar a importância de ambos para os estudos acerca do ser humano.

Levando em consideração que o termo cultura possui muitos significados, faz-se necessário evidenciar que o conceito de cultura, no presente trabalho, refere-se ao conceito semiótico de Geertz (2013, p. 4), ou seja, cultura é como teias de significados que o ser humano teceu e a análise destas teias. Ele não a assume “[...] como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”.

Geertz (2013, p. 28) menciona que as tentativas de localizar o ser humano no conjunto dos seus costumes se davam por meio da concepção “estratigráfica”, ou seja, “[...] o homem é um composto de ‘níveis’, cada um deles superposto aos inferiores e reforçando os que estão acima dele” -

biológico, psicológico, social e cultural, respectivamente. Neste sentido, o fator cultural era apenas uma fina e superficial “camada” comparada com as demais:

À medida que se analisa o homem, retira-se camada após camada, sendo cada uma dessas camadas completa e irredutível em si mesma, e revelando uma outra espécie de camada muito diferente embaixo dela. Retiram-se as variadas formas de cultura e se encontram a regularidades estruturais e funcionais da organização social. Descascam-se estas, por sua vez, e se encontram debaixo os fatores psicológicos – “as necessidades básicas” ou o-que-tem-você – que as suportam e as tornam possíveis. Retiram-se os fatores psicológicos e surgem então os fundamentos biológicos – anatômicos, fisiológicos, neurológicos – de todo o edifício da vida humana (GEERTZ, 2013, p. 28).

Este autor não estuda o homem dentro da concepção “estratigráfica”, mas por meio de uma concepção em que o biológico, o psicológico, o social e o cultural estão interconectados. Dessa forma, a cultura não é apenas essa camada fina e superficial que seria a primeira a ser destacada ao analisar o homem. Bruner (2001a) segue a mesma linha de pensamento de Geertz. Para ele (2001a, p. 16), a expressão individual da cultura

[...] é a parte da *produção de significado*, a atribuição de significados a coisas em diferentes contextos em ocasiões particulares. Produzir significado envolve situar encontros com o mundo em seus contextos culturais apropriados a fim de saber “do que eles tratam”. Embora os significados estejam “na mente”, eles têm suas origens e sua importância na qual são criados.

Neste sentido, para analisar um relato de experiências é indispensável entender todo o contexto histórico, social, econômico, político, cultural, filosófico, pedagógico, psicológico, ideológico em que ele foi pronunciado, com o intuito de não fazer apenas inferências sobre ele, confundido com o “fazer” análise.

Consideramos a análise do discurso importante na análise de relatos de experiências, uma vez que “Ela trata do discurso” (ORLANDI, 1999, p. 15).

Para Orlandi (1999, p. 15) na análise do discurso a linguagem é concebida como “[...] mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”. Bruner (2001b, p. 170) completa dizendo que: “[...] a linguagem permite a construção e a elaboração daquela ‘rede de expectativas mútuas’ que é a matriz sobre a qual a cultura é construída”.

Assim, um relato de experiências não é um discurso construído de uma hora para outra, do nada, mas trata-se de uma construção gradativa permeada das concepções histórica, social, econômica, política, cultural, filosófica, pedagógica, psicológica, ideológica em que o indivíduo está envolvido. Por isso, ao analisá-lo, deve procurar, “[...] compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 1999, p. 15).

É importante ressaltar ainda que segundo esta autora (1999, p. 20), mesmo que desconhecemos, as palavras simples do nosso dia a dia, elas chegam até nós carregadas de sentidos, e, por isso, “[...] significam em nós e para nós”.

Neste sentido, Bruner (1997, p. 22) evidencia que: “Os sistemas simbólicos que os indivíduos usavam para construir significado eram sistemas que já estavam colocados, já estavam ‘presentes’, profundamente arraigados na cultura e na linguagem”. Assim, podemos reforçar que nenhum discurso é neutro. Não é neutro “[...] porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história” (SCOTT, 1995, p. 71).

De acordo com Orlandi (1999, p. 26) a análise do discurso não possui uma “chave” de interpretação, por isso, ela vai além da inteligibilidade e a interpretação, visando “[...] à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”. Parte do entendimento que compreender é mais que se referir o sentido à língua e buscar o sentido pensando o co-texto e o contexto imediato:

Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso em um sentido. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem. (ORLANDI, 1999, p. 26).

Por isso, percebemos que Orlandi (1999), Geertz (2013) e outros autores apontam a importância do papel da teoria em análises. Para estes autores a teoria e/ou o dispositivo teórico é o que media a descrição e a

interpretação/compreensão. Neste sentido, Orlandi (1999, p. 59) reforça a necessidade de construir um dispositivo da interpretação, em que:

Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras.

Buscando construir esse dispositivo e reconhecendo a importância da teoria e do contexto para a análise do discurso, a seguir buscamos analisar o discurso do Dr. Isaque à luz das perspectivas críticas acerca da temática indígena, com o intuito de compreender os fatores que influenciaram a re/des/construção da identidade indígena.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIAS E TEORIA: PERSPECTIVAS CRÍTICAS PARA ANÁLISE DA IDENTIDADE INDÍGENA

Como já foi dito anteriormente, o relato de experiências analisado no presente artigo refere-se ao pronunciado por Dr. Isaque, um dos integrantes da comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) do estado de Rondônia.

O discurso do Dr. Isaque gerou 19 páginas transcritas acerca da temática indígena, especialmente, no que tange à criança indígena. Percebemos, que a análise contextualizada e não unilateral do Dr. Isaque se dá devido a suas vivências e experiências com diferentes etnias do Brasil, especialmente as da região Norte: “Eu tenho trabalhado muitos anos com os povos indígenas, já morei na tribo, morei com várias etnias da região amazônica [...]”. No entanto, o presente artigo se limitará a aprofundar alguns trechos do discurso que poderão nos ajudar a compreender acerca da re/des/construção da identidade indígena.

Inicialmente o Dr. Isaque relata acerca da importância e da temática indígena, que traz muitas polêmicas, por diversos motivos, sendo o principal deles, o grande interesse econômico envolvido:

[...] Temos tentado fazer algumas intervenções em algumas situações que são bem complicadas, porque envolvem relações, assim, interesses econômicos muito grandes.

Hoje em dia você tem uma oposição grande da bancada ruralista, que é uma bancada que tem lutado muito contra os povos indígenas e eles não fazem isso de forma declarada, né? Claro que não vai fazer isso: "Eu sou contra esses indígenas". Eles fazem de uma forma muito sorrateira e, agora nós estamos com uma luta muito grande da PEC 215 que fala sobre a transferência da responsabilidade da demarcação das terras indígenas saindo do poder executivo e passando a competência para o poder legislativo. Muito esperto o povo, né? [...] sabemos que não dá certo aqui, porque só a bancada ruralista que é a bancada mais forte que existe no congresso, já exterminaria, acabaria com todos os direitos dos povos indígenas, né?

[...] nós temos um estatuto do índio bem ultrapassado, o novo estatuto dos povos indígenas até hoje não foi aprovado, o nosso estatuto é de 73, do período militar, muitos artigos não foram recepcionados pela Constituição Federal de 88. Se você for falar de normatização dos povos indígenas, nós temos várias portarias, mas você não tem realmente o estatuto maior, que define realmente a situação dos povos indígenas. O novo estatuto do índio não é aprovado por pressão política porque vai tocar na parte sensível de muitos governantes, muitos políticos, que é na mineração, né? Que dá ao índio esse direito de usufruir dos bens, isso é muito complicado, é uma briga política muito grande que tem por aí. (Sic).

Vivemos em um país capitalista, em que o interesse maior não é o ser humano, mas o capital, o que este ser humano pode ter e/ou produzir, ou seja, o ter humano. Sendo assim, nos incomoda ver os indígenas possuírem um território grande para que consigam sobreviver, juntamente com sua família, pois quem precisa ter este território grande, somos nós, afinal de contas não somos preguiçosos, trabalhamos muito, e para que eles querem um território tão grande assim, não é mesmo? Este é o discurso que nos foi inculcado. Eis a perspectiva oficial.

Assim, primeiramente é importante ressaltar que nos foram transmitidas várias concepções acerca dos indígenas, as quais atendiam aos interesses dos dominantes e ainda se mantêm até os dias de hoje: os índios são tidos como selvagens, cruéis, brutais, ferozes, bárbaros, atrasados, preguiçosos, aculturados, mestiços, entre outros.

No entanto, Ribeiro (1995, p. 30) problematiza algumas destas concepções:

Embora minúsculo, o grupelho recém-chegado de além-mar era superagressivo e capaz de atuar destrutivamente de múltiplas formas.

Principalmente como uma infecção mortal sobre a população preexistente debilitando-a até a morte.

Como pode a brutalidade ser da parte dos indígenas?

Como eram atrasados e não sabiam de nada, se os indígenas conseguiram domesticar diversas plantas, como a mandioca, por exemplo, que, segundo Ribeiro (1995, p. 31) “[...] se tratava de uma planta venenosa a qual eles deviam, não apenas cultivar, mas também tratar adequadamente para extrair-lhe o ácido cianídrico, tornando-a comestível”?

Aqui cabe um trecho da narrativa do Dr. Isaque:

Eu trabalhei em uma tribo chamada Banawá, em que os índios pra fazer uma caçada de pegar uma paca, não é pra grandes caçadas, é uma paquinha, uma cutinhazinha, os índios fazem uma caminhada de quatro horas. Então a gente tinha que andar quatro horas. Saía de madrugada da aldeia, ainda quando começava nascer o dia e pegava uma caminhada, ia até o final. Aí se você conseguisse com seu cachorro acuar algum animal você matava e trazia de volta, tinha que voltar correndo, porque senão você chegava à noite, aí se você já andou a noite no meio da mata, vou te falar, não tem lanterna que resolva contra as cobras e contra as onças e é muito complicado, né? (Sic).

Neste sentido, como podem eles ser os preguiçosos, se enquanto muitos de nós ficamos o dia no ar condicionado manuseando o computador, eles gastam várias horas na mata para caçar um animal? E não é para vender e ter dinheiro, mas para sua subsistência e de sua família. Além disso, não podemos esquecer que a visão indígena acerca do trabalho e dos papéis dos homens e das mulheres não é idêntica à nossa. Em algumas etnias a divisão do trabalho é bem definida e um dos papéis do homem é caçar, caso consigam a caça rapidamente, eles descansam o restante do dia:

[...] nos Suruwahá era interessante, a gente ia caçar cinco horas da manhã, se desse dez horas da manhã você pegasse a caça, beleza. Pegamos a caça dez horas da manhã, voltava pra casa, dava a caça para as mulheres, elas preparavam a comida e depois de caçar você ia deitar, descansar. Aí eles descansavam o resto do dia. Uai, eles já fizeram o que tinha que fazer, a atividade do dia eles já tinham feito, eles caçaram e alimentaram a família deles. Pra nossa cultura isso é um absurdo, na nossa cultura assim, “você vai dormir o dia inteiro, você não vai fazer nada”, mas para eles é muito normal.

Ribeiro (1995, p. 45-46) problematiza ainda as duas diferentes visões:

Aos olhos dos recém-chegados, aquela indiada louça, de encher os olhos só pelo prazer de vê-los, aos homens e às mulheres, com seus corpos em flor, tinha um defeito capital: eram vadios, vivendo uma vida inútil e sem prestança. Que é que produziam? Nada. Que é que amealhavam? Nada. Viviam suas fúteis vidas fartas, como se neste mundo só lhes coubesse viver.

Aos olhos dos índios, os oriundos do mar pareciam aflitos demais. Por que se afanavam tanto em seus fazimentos? Por que acumulavam tudo, gostando mais de tomar e reter do que de dar, intercambiar? Sua sofreguidão seria inverossímil se não fosse tão visível no empenho de juntar toras de pau vermelho, como se estivessem condenados, para sobreviver, a alcançá-las e embarcá-las incansavelmente? Temeriam eles, acaso, que as florestas fossem acabar e, com elas, as aves e as caças? Que os rios e o mar fossem secar, matando os peixes todos?

Mediante estas questões, nos indagamos porque desrespeitamos o Outro, colocando como absolutas nossa visão, nossas concepções de mundo, esquecendo-nos ou fingindo esquecer que este Outro também tem sua visão, suas concepções de mundo? Por que temos que ser os melhores?

Segundo Ribeiro (1995, p. 53): “Para os colonos, os índios eram um gado humano, cuja natureza, mais próxima de bicho que de gente, só os recomendava à escravidão”. Como podemos continuar sustentando e reproduzindo a visão de indígenas como animais, se ao vermos além do óbvio¹ percebemos que as posturas de animais se deram por parte dos colonos?

Em relação ao discurso questionador acerca da extensão e demarcação dos territórios indígenas, porque querem que os indígenas usufruam de um território pequeno? Por que tanta morosidade em demarcar os territórios indígenas? Em Rondônia, de acordo com os dados do último Censo (BRASIL, 2010) a população indígena é de 13.076 mil habitantes. Destes, 3.859 vivem fora de territórios indígenas, ou seja, mais de 29%. Neste sentido, Dr. Isaque problematiza o discurso oficial:

O Brasil é uma coisa meio assim: “Vamos demarcar”, “vamos, bora”. Começaram a demarcar a área indígena Karitiana sem consultar realmente o povo, sem saber onde estavam os cemitérios, as malocas antigas. “Não! vamos ver um pedaço” “essa terra tá boa pros índios, né?”. Uma vez eu estava ouvindo a aula de um professor, um juiz federal que não vou citar o nome dele, mas, agora parece que ele se voltou a favor dos povos indígenas, mas esse juiz federal estava

¹Expressão usada por Rodrigues (2001) no prefácio do livro “Breve história da mulher no mundo ocidental” de Bauer (2001), que significa ver além do que está posto.

falando absurdos, da situação da Raposa da Terra do Sol, que fez a demarcação contínua das terras indígenas: “Pra que que índio quer tanta terra? Pra que que ele quer um território tão grande?” “Ninguém tem uma terra tão grande assim”. Bom, ele nunca conviveu dentro de uma aldeia com os povos indígenas, ele nunca foi índio. Índio primeiro ele é extrativista. Segundo eu fiz a comparação com ele depois que acabou a aula pra explicar pra ele o seguinte: “Olha, qual o tamanho do terreno da sua casa? Você mora aonde? Mora em casa ou mora em apartamento?”. “Não, eu moro em uma casa”. “O tamanho do terreno da sua casa, qual é?” “Ah, é tanto por tanto”. Aí eu falei: “Pra que isso? Você não poderia viver com um terço desse terreno? Construir sua casa num terço, você não viveria do mesmo jeito? Então pra que você tem um terreno tão grande? Poderia ter um terreno menor e viver melhor ou da mesma forma que você vive”. “Não, porque, não”. Eu falei: “Você tá falando isso em relação aos povos indígenas. Você acha que eles podem viver no território bem pequenininho e tá tudo bem pra eles e você não. Você tem que ter uma casa grande, uma casa de praia, você tem que ter um terreno bacana, tem que ter seu sítio, você pode, mas eles não podem. Agora vamos ver o modo de vida que você vive e que eles vivem. Eles precisam tirar tudo dali”. (Sic).

A população acaba acreditando no que a mídia expõe, sem refletir, sem entender o contexto, inclusive a questão do território. Questiona o porquê dos indígenas desejarem um território grande, mas desconhece que a questão do território está estreitamente ligada à cultura e à identidade dos povos indígenas. Para nós é apenas uma delimitação de fronteiras, porém:

[...] a ligação do indígena com o território em que vive ou viveu é muito forte, justamente pela bagagem cultural que este possui. Embora o contato com outras culturas tenha mudado em partes o seu modo de vida, alguns aspectos culturais herdados de gerações passadas perduram de forma incisiva até os dias atuais. Este território considerado por eles sagrado, muitas vezes é o motivo de vida ou de morte deste grupo. É no território que os povos indígenas possuem seu maior campo de lutas e de resistências. (ARESI, 2008, p. 265).

A ingenuidade diante do exposto pela mídia acerca da temática indígena pela população, especialmente pela população rondoniense, pode ser resultado da falta de conhecimento dos próprios rondonienses acerca da realidade indígena do seu estado: “Em relação à situação de Rondônia, nós temos até um desconhecimento sobre a realidade indígena no estado de Rondônia, né? Tem pessoas que moram aqui que acham que não existe essa realidade indígena no estado” (Relato de experiências Dr. Isaque, 2014).

Atualmente a mídia pode ser considerada como uma grande inimiga das populações indígenas, em diferentes situações: ao relatar o discurso oficial

como sendo o discurso dos indígenas, ao divulgar a imagem do índio de forma estereotipada, gerando todo tipo de preconceito possível, inclusive possibilitando a concepção de indígena como um ser não humano. Isto pode resultar em barbáries como a ocorrida em Brasília no dia 20 de abril de 1997, onde cinco adolescentes mataram Galdino Jesus dos Santos, índio pataxó que dormia em uma estação de ônibus:

Disseram à polícia que estavam brincando. Que coisa estranha. Brincando de matar. Tocaram fogo no corpo do índio como quem queima uma inutilidade. Um trapo imprestável. Para sua crueldade e seu gosto da morte, o índio não era um *tu* ou um *ele*. Era *aquilo*, *aquela coisa* ali. Uma espécie de *sombra* inferior no mundo. Inferior e incômoda, incômoda e ofensiva. (FREIRE, 2000, p. 65).

Além disto, o próprio governo que deveria se manifestar para que a situação dos indígenas seja explicada, omite-se, conforme denunciado por Dr. Isaque:

Um caso complicado e atual é a questão da construção da estrada que sai lá em Buritis. Porque eu vi a reportagem que eles falavam assim: “Os próprios indígenas estão apoiando a construção da estrada”. Vamos tentar entender a história ali. Nós temos várias etnias não contactadas, isoladas ainda dentro do estado de Rondônia. Pra você ter ideia, a 80 km daqui da UNIR, você vê um povo indígena isolado, não contactado até hoje. A gente fica espantado com essa situação, mas é aqui perto. Dentro da reserva da terra indígena Karitiana, você tem um povo indígena que, ano passado, os próprios Karitiana tiveram contato com esse povo, viram que eles são isolados, a situação daquela região é exatamente essa. Não são povos indígenas aculturados, como são chamados, conhecidos, mas são povos indígenas isolados, então, esses pequenos 10 km dentro da mata, vai cortar justamente a área que não está demarcada, mas é a área onde eles moram. Não está demarcada para esse povo, ela tá demarcada para outra etnia. Então é uma situação complicada que a imprensa não tem divulgado, e que infelizmente o próprio Ministério Público deveria dar uma entrevista e explicar essa situação. Que a abertura vai causar danos assim, talvez, irreversíveis na história desses povos, né? (Sic).

Neste sentido, é necessário entendermos o contexto em que as situações se dão, para que assim, possamos realizar uma análise devida sobre elas, não vendo apenas o óbvio, não deixando se enganar, sendo ingênuo diante do que é posto pela mídia e o discurso oficial, como aponta Dr. Isaque em outra situação:

Mas a mesma situação se deu na Terra do Sol, em Roraima. Eu vi algumas entrevistas, li alguma coisa sobre vários índios apoiando a permanência dos agricultores, do pessoal que plantava arroz, porque alguns índios tinham emprego nessas fazendas. Então, assim, a imprensa até jogou, uma situação política bem feita que dá a entender. Por isso, que você tem que ter uma visão mais holística, você tem que olhar não somente aquilo que realmente tá na sua frente, mas olhar as entrelinhas, né? Tentar ver o que está por trás da situação e a situação indígena, se você não olhar com outros olhos, você vai falar o que a maioria fala. Muitos dizem: não existe mais índio no Brasil! (Sic).

Neste trecho, identificamos uma pista importante: o que a maioria fala? O discurso oficial, que vai mudando a cada momento, buscando atender as expectativas políticas, econômicas, sociais, históricas, ideológicas que a história brasileira sustenta a todo o momento, por meio da visão eurocêntrica: os adjetivos para os indígenas, “mero” detalhe, todos negativos, metamorfoseiam-se entre selvagem, bárbaro, brutal, cruel, feroz, atrasado, preguiçoso, aculturado, mestiço, entre outros, como já aprofundamos anteriormente. Deixemos de fazer parte da maioria!

Ainda neste sentido:

O próprio judiciário tem essa visão muito forte, de que: “Ah! Índio é no passado. Hoje em dia não existe mais índio”. Mas, por quê? Porque índio hoje usa celular, o índio hoje tem identidade, tem CPF, o índio tem carteira de motorista, muitos se vestem como nós, então, assim, quando isso acontece, significa que ele perdeu a cultura dele. Então, eles assimilaram nossa cultura, são aculturados, não são mais índios. Aí, eu pergunto pra você assim: Se você for na Disney, você comprar uma camisa com a bandeira americana, o chapéu do Mickey, tomar coca-cola, você deixou de ser brasileiro por causa disso? Você não deixou de ser brasileiro, você vai continuar sendo brasileiro e você se sente aquilo dentro de você muito forte. (Relato de experiências Dr. Isaque, 2014). (Sic).

Então, como o próprio relator menciona, precisamos refletir que inclusive a cultura europeia foi imposta aos indígenas, eles não podiam falar em suas próprias línguas, ou seja, ou assimilavam nossa cultura ou morreriam. E muitos, morreram, resistindo:

Mais tarde, com a destruição das bases da vida social indígena, a negação de todos os seus valores, o despojo, o cativo, muitíssimos índios deitavam em suas redes e se deixavam morrer, como só eles têm o poder de fazer. Morriam de tristeza, certos de que todo o futuro seria a negação mais horrível do passado, uma vida indigna de ser vivida por gente verdadeira (RIBEIRO, 1995, p. 43).

Mesmo sendo o indígena uma pessoa de importância no “descobrimento do Brasil”, qual é o valor que é dado a ele? Dr. Isaque dá um exemplo que nos ajudará a entender esse valor:

No contexto de Rondônia, o último censo do IBGE diz que existem no estado de Rondônia 13.076 índios contactados. Esse número não é exato. O Brasil é um país muito controverso, né? Porque o Brasil é assim: No Brasil nós sabemos quantas cabeças de boi tem. Se você puxar na internet, se você pesquisar, você vai saber exatamente qual o tamanho do rebanho bovino do Brasil. Agora, não sabemos quantas crianças existem na rua, nós não sabemos quantos índios existem nas aldeias, quantas crianças estão fora da escola. Existe uma estimativa provável sobre esses números. Então você vê o valor que se dá ao ser humano e o valor que se dá aos bens semoventes, né?

Outro ponto importante destacado pelo Dr. Isaque refere-se acerca da importância de sabermos que não existe uma única cultura indígena, mas uma grande quantidade de etnias, logo, cada uma tem a sua cultura, sua língua, sua cosmovisão completamente diferente uma da outra. Assim como podemos falar de uma única cultura indígena? Por causa disto, é indispensável entender o contexto, antes de realizarmos análises que não tem nada a contribuir, apenas reforçar os estereótipos sobre o indígena.

No próximo tópico pretendemos afunilar as questões postas no presente artigo, buscando refletir acerca das proposições que estas possuem quanto à identidade indígena e nas relações entre os indígenas e os não indígenas.

4 PARA NÃO FINALIZAR...

No decorrer do artigo, foi possível refletir acerca da importância do relato de experiências e de sua análise, mas não de uma análise descontextualizada da questão histórica, social, política, econômica, psicológica e ideológica que perpassam o discurso produzido.

Esta descontextualização encontra-se em grande parte das análises realizadas em contextos acadêmicos e não acadêmicos, que impossibilita uma compreensão do que está se propondo analisar, trazendo muitos prejuízos à questão analisada, principalmente quando se trata de estudos com populações minoritárias, tais como indígenas, negros, mulheres, entre outros.

No caso específico, a análise de discursos sem observar os contextos indígenas tem contribuído para que o indígena seja visto pelo viés do ruim, do mau, pelo viés eurocêntrico, já problematizado anteriormente. E, como o ser humano e sua identidade são re/des/construídos histórica e socialmente, em alguns casos, estas análises acabam dificultando sua afirmação como indígena.

Neste sentido, a análise do discurso e a Psicologia Cultural, juntamente com outras perspectivas críticas da ciência têm muito a contribuir com estas análises, buscando romper com os paradigmas existentes quanto a esta e outras temáticas e possibilitando que reflitamos sobre elas, buscando o distanciamento devido de nossos valores, preconceitos, juízos que já foram construídos em nós, histórico e socialmente.

Assim uma desconstrução se faz necessária. Aquela que com certeza trará dores ao abalar nossas mais profundas convicções, mas que são necessárias para a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais humana, pautada em práticas que buscam a libertação dos seres humanos e não a alienação dos mesmos.

Por fim, destacamos o que Geertz (2013) afirma, que só o “nativo” faz interpretação em primeira mão, já que se trata de sua cultura, sendo as outras interpretações em segunda mão, e assim sucessivamente. Por isso, arriscaríamos a dizer que Dr. Isaque, devido a suas vivências e experiências em diferentes contextos indígenas, em seu discurso faz interpretação em segunda mão e nós em terceira mão neste trabalho. No entanto, podemos afirmar que nossa interpretação, embora em segunda e terceira mão, diferem de interpretações estereotipadas acerca do indígena e de sua identidade e esperamos que este artigo tenha, no mínimo, confrontado o leitor, e, oxalá, iniciado um processo de desconstrução.

REFERÊNCIAS

ARESI, Cláudia. O território como suporte identitário para a cultura kaingang. **Campo-Território**: revista de geografia agrária, Rio de Janeiro, v.3, n. 5, p. 264-279, fev. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11840/6929>. Acesso em: 4 ago. 2015.



BRASIL. Censo demográfico 2010: Características gerais dos indígenas, resultados do universo. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Rio de Janeiro, 2010, p. 1-245. Disponível em:

ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/Publicacao_completa.pdf. Acesso em: 02 mar. 2014.

BRUNER, Jerome. O estudo adequado do homem. In: BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 15-38.

_____. Cultura, Mente e Educação. In: BRUNER, Jerome. **A Cultura da Educação**. Tradução Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001a. p. 15-52.

_____. O próximo capítulo da Psicologia. In: BRUNER, Jerome. **A Cultura da Educação**. Tradução Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001b. p. 163-172.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 58-75.

DESCHAMPS, Jean-Claude; MOLINER, Pascal. Introdução – Por que razão uma obra sobre a identidade e as representações? In: DESCHAMPS, Jean-Claude; MOLINER, Pascal. **A identidade em Psicologia Social: Dos processos identitários às representações sociais**. Tradução Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 13-16.

FREIRE, Paulo. Terceira carta: Do assassinato de Galdino Jesus dos Santos – índio pataxó. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 65-69.

GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. RJ: Livros Técnicos e Científicos, 2013. p. 25-39.

_____. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. RJ: Livros Técnicos e Científicos, 2013. p. 3-21.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

RIBEIRO, Darcy. O novo mundo. In: RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 27-77.

RODRIGUES, Ana Lúcia. Prefácio. In: BAUER, Carlos. **Breve história da mulher no mundo ocidental**. São Paulo: Xamã: Edições Pulsar, 2001. p. 7-9.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

